

SARTRE *VERSUS* BACHELARD OU A «NECESSIDADE» DE PÔR ROQUENTIN A TRABALHAR

Joaquim Carlos Araújo
E. S. São João da Talha

I. Nota introdutória

Trata-se aqui de recuperar o diálogo de Jean-Paul Sartre (1905-1980) com Gaston Louis Pierre Bachelard (1884-1962), a propósito da relação da consciência, nomeadamente da consciência imaginativa, com a sua percepção dos objectos exteriores ou, se quisermos, da sua relação com o mundo das coisas. Este diálogo foi inspirado na fenomenologia, na psicanálise e na ontologia. Tanto um como o outro criaram teses que se demarcaram de qualquer escola filosófica, a saber, Sartre e o existencialismo, Bachelard e a imaginação material. Um, voltado para o sujeito na sua imanência. Outro, voltado para o objecto na sua transcendência. E ambas veiculando a tradicional ideia (de Descartes a Sartre, passando por Husserl) de que a imaginação depende da percepção, a imaginação reprodutiva entenda-se, mas já com um volte face original pela parte de Bachelard que defenderá a imaginação criativa ou o sonho activo sobre as quatro tradicionais matérias ou elementos fundamentais: por exemplo, o *ar* (o festim da dança das aves; a verticalidade do sonho acordado do voo ou a imaginação ascensional; a queda;); o *fogo* (a «*observação hipnotizada*» do fogo); a *água* (a violência do oceano; a paz ou a morte marinha; a tranquilidade, a pureza ou a «*melancolia das águas adormecidas*»; a cura pela água que lava; que é uma bebida elementar.); ou a *terra* (no seu conflito do viscoso, da repugnância ou enjoio dos objectos pegajosos – a massa, a pasta, a argila, o lodo; enfim, a resistência das matérias mas também a sua passividade), etc.

De um modo geral, quer-nos parecer que pouco antes de Bachelard mas depois de Eugen Fink, foi Sartre quem conferiu uma importância filosófica fundamental à relação sonho/realidade adentro da temática da imaginação e

do imaginário. Por seu lado, Sartre pretendeu defender algumas teses bachelardianas que, na época, lhe serviam de mote para a sua originalidade criativa, como por exemplo a «psicanálise dos objectos», a «imaginação material», etc. E Bachelard, alguns anos depois, enquanto leitor obsessivo de romances exemplificou mais brevemente, mas pela negativa, algumas das suas teses referentes à imaginação volitiva da terra, com a famosa personagem sartreana Antoine Roquentin.

Toda esta temática se situa em algumas obras escritas, por ambos os autores, nos fins dos anos trinta e na década de quarenta¹. No caso de Sartre, *L'être et le néant – essai d'ontologie phénoménologique*, de 1943, (mais precisamente num capítulo intitulado *O Corpo*, o segundo da terceira parte). Aqui se refere a importância das teses de Bachelard sobre os objectos e sobre a intencionalidade, teses essas defendidas na famosa obra deste último, *L'eau et les rêves – essai sur l'imagination de la matière*, surgida um ano antes. E ainda de Sartre *La nausée*, de 1938, obra sucintamente criticada pelo mesmo Bachelard mas passados dez anos da sua edição, em *La terre et la rêverie de la volonté – essai sur l'imagination des forces*.

Finalmente temos de esclarecer que a palavra «necessidade» deve ser lida entre aspas no título desta comunicação, uma vez que essa necessidade será subjectiva ou dispensável para Sartre mas objectiva ou imprescindível para Bachelard.

¹ De modo breve devemos notar que esta década de quarenta, e ainda o fim dos anos trinta foi, em nossa opinião, a mais profícua de Jean-Paul Sartre, o maior escritor-filósofo de todos os tempos (repartindo o seu campo de actividade pela filosofia, jornalismo político, crítica de arte, antropologia histórica, romances, novelas, autobiografia, monografias de escritores, correspondência, teatro, cenários de filme, entrevista e conversas, etc.) pois, só nesses anos, editou 22 obras (4 de filosofia). Foi também a época da mobilização para a guerra e da prisão, com 35 anos. Foram as viagens como jornalista aos Estados Unidos, a primeira, e depois África, Islândia, Escandinávia, Rússia, etc. A participação no grupo de Resistência e Liberdade (1941) e no Comité Nacional dos Escritores. Nesta década abandonou inclusive a carreira de professor (1944). Descobriu a ontologia fenomenológica e alinhou e desalinhou no comunismo, ou no Marxismo crítico se quisermos. Enfim, foi nesta esplendorosa década que as suas obras foram colocadas no Índice pelo Vaticano, em 1948. Desta experiência de vida surgirá *La nausée*, o protótipo de todo o romance existencialista ou de todo o romance que possui uma radicalidade ofensiva, como referiu Michel Contat (*In, Magazine Littéraire*, nº282, 1990, p. 38.).

Por seu lado, Gaston Bachelard, um outro fantástico escritor segundo uma igualmente insólita relação entre a criação literária e a linguagem tribal da filosofia, depois de ter sido empregado dos Correios e dos Telégrafos, e combatente durante mais de 3 anos nas trincheiras da Primeira Guerra, tornou-se, a partir de 1940, com 56 anos, catedrático na Sorbonne e Director do Instituto de História das Ciências onde se manteve durante 14 anos. Entre 1938 e 1950 editou 4 obras de Filosofia da Ciência e outras tantas de Literatura de cariz filosófico, poético e estético, para se dedicar exclusivamente à poesia e à estética no fim da vida, onde desejou ler apenas «livros perfeitos».

II. Desenvolvimento

§ 1. Contextualização

1. Num artigo escrito entre 1933 e 1934, enquanto professor de filosofia em Dijon, intitulado «Le monde comme caprice e miniature»², um «longo diálogo do espírito e da matéria», Gaston Bachelard defende uma interessantíssima tese que, a nosso ver, se constitui com uma espécie de fórmula resolvente de toda a interpretação da relação fenomenológica imaginação/percepção. Diz ele: «Qualquer que seja a nossa liberdade espiritual no reino das concepções abstractas não é menos verdadeiro que é com a retina que se imagina. Não podemos transcender as condições retinianas da imaginação.» Tomemos aqui os vocábulos «condições retinianas» enquanto expressão metafórica das sensações de um modo geral.

2. Sabemos que fazer depender a imaginação da percepção é uma tese clássica que foi também retomada por Jean-Paul Sartre, e de modo sistemático, no seu primeiro ensaio filosófico, *L'imagination*, de 1936³, onde analisa o aspecto materialista da concepção clássica da imagem mental como «coisa» dentro da consciência, ou como um vago fenómeno psíquico que faz representar ao sujeito os sensíveis ausentes. E já Husserl teria referido, em alguns apêndices (que sentiu necessidade de elaborar, a saber, aos parágrafos 11 e 20 da Vª Investigação Lógica, acerca da «Teoria das Imagens») que a imagem não podia ser um «predicado real» da consciência. Quer dizer, a imagem não é um simples carácter interno da própria representação imamente ao sujeito que imagina (ou, no caso de Bachelard, ao sujeito que se dá ao devaneio activo). Ela, a imagem, não é uma simples representação interna portanto que se coloca entre a consciência e o mundo, mas é uma intenção específica da consciência que se situa face ao mundo.

Sartre admite e defende esta tese no seu segundo ensaio filosófico, *L'imaginaire*, de 1940. Aqui se explicita que essa concepção da imaginação como «consciência imagetizante» (Sartre utiliza um neo-logismo: *imageante*), ou produtora de imagens, enquanto faculdade que deforma as imagens na sua relação ao acto perceptivo, esse «postulado ou ilusão da imanência» portanto, como bem o designou, se constitui como o resultado de um hábito do senso comum «de pensar no espaço e em termos de espaço»⁴. Per-

² Um artigo primeiramente publicado em *Recherches philosophiques*, 1933-34: 306-320 e posteriormente vindo a lume em 1970, na Biblioteca de Textos Filosóficos dirigida por Henri Gouhier, Editora Vrin, com Apresentação por Georges Canguilhem, num pequeno volume intitulado *Études* (p.25 a 43).

³ Sartre, *L'imagination*, 8ª Ed. Paris, Quadrige/Puf, 1981.

⁴ Sartre, *L'imaginaire. Psychologie Phénoménologique de l'imagination*, Paris, Gallimard, Col. folio essais, 1968, p.346 e ss.

cepcionar uma cadeira, por exemplo, ou imaginá-la, identifica-se, na consciência, com o mesmo objecto em ferro e madeira (se for, obviamente, esse o caso). A consciência não é, pois, o lugar *real* ou o amontoado de simulacros. Todavia, no acto imaginativo, e porque a consciência afecta o objecto com uma função de irrealidade, ou seja, afirma um nada como seu correlato, diz-se que a cadeira é posta como irreal.

Compete-nos no entanto acrescentar que esta concepção sartreana pretende explicar apenas as deficiências ou a pobreza da imaginação reprodutora, contrariamente ao desvelamento mais rico que, progressivamente, se revela no acto da percepção, e por isso difere da imaginação criativa de Gaston Bachelard, o autor francês que mais abriu esta possibilidade digamos assim ao ponto de fazer escola nesta área da criação estética, como o *Movimento Cobra* por exemplo⁵.

3. Mas foi Edmund Husserl que suscitou aos dois autores a aparelhagem conceptual para pensar esta temática para além de toda a tradição grega, do aparecimento das coisas como imagens de outras a que remetem, como em Platão, ou do «fantasma» ou representação analógica deixada na alma pela sensação, como em Aristóteles⁶.

No caso de Jean-Paul Sartre (que já estudava a imagem desde 1927, quando redigiu o seu primeiro texto sobre o assunto, para obtenção de um diploma de estudos superiores na École Normale, *L'image dans la vie psychologique: Rôle et nature*) foi portanto por Husserl que compreendeu a fundamental diferença entre imagem e percepção, a saber, a imagem não é

⁵ Saído do surrealismo entre 1948-1951, uma escola única na História da Arte e que claramente se reivindicou da obra bachelardiana. *Cobra*, um acrónimo – sigla formada pelas iniciais dos vocábulos Copenhaga, Bruxelas e Amesterdão – inventado pelo escritor Cristian Dotremont, foi um movimento saído do surrealismo revolucionário que durou apenas três anos (Novembro de 48 a Novembro de 51) – mas sobre o qual se escreveu pelo menos dois mil títulos – e manifestou-se «contra toda a unidade teórica artificial. Contra todos os ismos que implicam uma sistematização», no dizer do mesmo Dotremont. *Cobra* foi a arte do *Homo Ludens*. Substituiu o automatismo surrealista de Breton por um campo físico-psicológico total onde toda a expressão se liga ao físico, ao gesto que a acompanha, enfim, ao corpo. Numa excelente obra/edição, em dois volumes, de Jean-Clarence Lambert, discípulo de Bachelard, encontramos vários estudos sobre os artistas *Cobra*. Diz Lambert: «*Cobra* é uma arte materialista no sentido da fenomenologia da *imaginação material*, aquela que, como pensou Bachelard, penetra nos segredos oníricos da matéria.» – Lambert Jean-Clarence, *Le règne imaginal*, Ed. Cercle D'Art, Paris, 1991.

⁶ Ou ainda para além da escolástica aristotélica que admite a imaginação como «faculdade» sensível interna desde a relação a um individual concreto até à abstracção; e para além do racionalismo de Descartes e do empirismo de Hobbes, Locke e sobretudo de Hume, que pretendem unir sensação e imaginação ou da sua reabilitação por Kant enquanto actividade criadora ou fonte de prazer estético. Enfim, mais uma temática enredada em séculos de especulação filosófica e à qual os modernos deram o seu contributo para se chegar finalmente a Husserl e a Bachelard e a Sartre.

uma coisa mas um produto de uma consciência imagetizante. E pôde deste modo Sartre reabilitar pela positiva o papel da imaginação, juntando-lhe um inusitado carácter de liberdade e de transcendência dentro da supracitada tradição filosófica. Todavia, a imagem sartreana é um nada, é o que coloca na consciência algo que se nadifica, pois não *está aí*.

Torna-se oportuno notar inclusive que nesta mesma altura tinha Eugen Fink editado os seus *Studien zur Phenomenologie*⁷, 4 estudos surgidos entre 1930 e 1939 e precedidos por um prefácio do próprio mestre Husserl (que considerou Fink aliás como o grande intérprete da sua fenomenologia). Destes estudos destacamos o primeiro de 1930, intitulado *Re-presentação e Imagem: contribuição para a Fenomenologia da Irrealidade*, onde clara e sistematicamente se desenvolve, e quer-nos parecer pela primeira vez (preenchendo inclusive algumas lacunas deixadas pelo próprio Husserl), o tema da liberdade e da arbitrariedade do ego imaginante na sua criação própria, assim como as várias possibilidades da experiência mundana do sonho (§26) enquanto aqui-constituição passiva e respectivas iterações do ego do mundo do sonho. Enfim, temas caros a Sartre, como se sabe, no seu *L'imaginaire* por exemplo, tendo sido ele, no fim de contas, depois de Fink, a conferir uma importância fenomenológica ao sonho e ao próprio sono. Faça-se no entanto justiça ao filósofo e ao fenomenólogo que foi também Bachelard, autor mais citado do que lido nomeadamente em Portugal. Este filósofo admite, também anteriormente ao próprio Sartre, no artigo supracitado, que o problema principal não é o da relação da imagem com uma posição estrita de existência mas antes o da gratuitidade das escolhas visuais, ou seja, da «liberdade plena e radosa»⁸ dessas escolhas que mais reenviam para a antecipação do que para a recordação. Trata-se de uma famosa tese bachelardiana, que defenderá em todas as suas obras posteriores mas já bem explícita no seu *Lautréamont* de 1940, do valor da imagem por si mesma na consciência do sonho acordado ou devaneio activo por parte do poeta, do escritor, do filósofo, etc. Como escreverá na sua *Poétique de la rêverie*, já no fim da vida, «Pobre devaneio aquele que convida à sesta», ou, bem entendido, à inactividade⁹.

⁷ Tradução francesa por Didier Franck, Les Editions du Minuit, 1974.

⁸ *Études*, p. 29 e ss.

⁹ Assistimos neste caso, no nosso ponto de vista, a uma das consequências mais originais da tese husserliana da «crença como-se» por exemplo, enquanto carácter geral da «modificação quasi-posicional» da imagem, como refere Husserl na sua *Phänomenologische Psychologie*, de 1925, nomeadamente no §40. Para o dizermos de modo mais alargado, a imaginação é uma vivência particular que se deixa constituir como uma modificação universal aplicada a todos os vividos, nomeadamente aos vividos da consciência que imagina. Essa consequência original é, pensamos, precisamente a da imagem material bachelardiana, aquela que é directamente produzida pelas substâncias elementares que interferem, enquanto realidade ontológica prévia, no processo imaginativo da consciência; aquela que *salta* da matéria numa espécie de tropismo imaginário e que influencia o sujeito previamente disposto

Mas se esta liberdade própria do imaginar se deixasse em alguma circunstância exprimir numa «conduta irreflectida», negaria então o seu necessário carácter de ser posicionalmente consciente da sua transcendência. O mundo seria apenas mais uma potencial qualidade das coisas nunca efectivada. O *primum movens* do devaneio dissipar-se-ia por entre os resíduos inconscientes (ou melhor, não tematizados). Assistiríamos, de acordo com Bachelard, a uma *trágica ausência* do sonhador da matéria! E quando Sartre refere por exemplo, numa bela frase que «Il faut être fait d'argile et je le suis de vent», nos seus *Carnets de la drôle de guerre*, não poderemos de igual modo entender daqui um indício da imaginação material do autor?

§ 2. A leitura Sartreana de Bachelard

1. Numa reflexão dedicada ao tema do *corpo como ser-para-si*, Jean-Paul Sartre, em *L'être et le néant*, no seu brilhante e desenvolvido estilo de escritor que *corre atrás da pena*, conclui que a obra *L'eau et les rêves – essai sur L'imagination de la matière*, se constitui como uma preciosa crítica a algumas teses da fenomenologia, a saber, a da intencionalidade – demasiado passiva, para Bachelard.

Explica Sartre: «Bachelard censura com razão a fenomenologia por não tomar na devida conta aquilo a que ele chama o “coeficiente de adversidade” dos objectos. Isso é justo e vale tanto para a transcendência de Heidegger como para a intencionalidade husserliana»¹⁰. Esta é uma das várias ocorrências do nome de Bachelard e respectiva referência a *L'eau et les rêves*. Com efeito, nesta obra de 1942, publicada um ano antes da 1ª edição de *L'être et*

para este tipo de fenómenos da consciência imaginativa – sendo através dela que se produz uma sua obra. Ambicioso desejo de redescoberta das coisas na sua dinâmica natural própria! Por outro lado, este imperativo do imaginário chamemo-lhe assim, apenas se completa mediante essa consciência que se *deve* tematizar a si mesma, caso o seu desejo seja a compreensão do fenómeno racional do devaneio diurno. E tomemos a liberdade de apelidar esta consciência como consciência tética de si mesma, quer dizer, de uma auto-consciência que ao descobrir-se através de actos (neutros) de imaginação (a contra-partida dos actos posicionais), revela, desta sorte, a liberdade das suas modalidades dóxicas específicas (dúvida, interrogação, hipótese, desejo, etc.). Pela *existência neutralizada* dos seus actos, a consciência, possui o mesmo objecto tematicamente, não o possuindo, por contra, enquanto realidade ou posição.

¹⁰ «Bachelard reproche avec raison à la phénoménologie de ne pas tenir assez compte de ce qu'il nomme le “coefficient d'adversité” des objets. Cela est juste et vaut pour la transcendance de Heidegger comme pour l'intentionnalité husserlienne. [E acrescenta a sua grelha ontológica heideggeriana] Mais il faut bien comprendre que l'ustensilité est première: c'est par rapport à un complexe d'ustensilité originel que les choses révèlent leurs résistances et leur adversité» (Sartre, *L'être et le néant - essai de ontologie phénoménologique*, Gallimard, 1943, p. 373 – seguimos a tradução portuguesa: *O Ser e o Nada*, Círculo dos Leitores, Lisboa, 1993).

le néant, Bachelard dedica um capítulo à *Água Violenta*¹¹, onde nos explica de facto que «todos os objectos do mundo recebem o seu justo *coeficiente de adversidade*». E mais à frente escreve: «Os exemplos dos fenomenologistas não conferem evidência bastante aos graus de tensão da intencionalidade; eles mantêm-se demasiado “formais”, demasiado “intelectuais”». Ora Sartre, seguidamente, e rematando a sua opinião com o conceito heideggeriano de «utensilidade» – ou para sermos mais precisos, toda a questão da «mundaneidade do mundo» que se explicita pelo *para que (wöfur)* ou pelas *tarefas* que o sujeito encontra em relação ao «ente disponível» ou «à mão» (*zuhandenes*), e fazendo depender dele esse coeficiente ou factor de resistência da matéria, encontra pois na obra bachelardiana um bom motivo de trabalho.

Com efeito, para Gaston Bachelard, qualquer fenomenólogo que recuse a hipótese de trabalho da primitividade imagética das substâncias, da constatação de um factor dinamogénico na relação sujeito/objecto, nunca poderá encetar um exame materialista de *fenomenologia dinâmica*, a saber, uma análise da *provocação* com que os elementos materiais atingem o sujeito cognoscente, no qual suscitam uma resposta afectiva a essa *má vontade* da matéria e no qual provocam uma *cólera* imediata contra o objecto – como se depreende por exemplo da novela de Sartre, *Le mur*¹². Por curiosidade, diga-se que Bachelard cita esporadicamente em rodapé este texto sartreano de 1939: «Sartre parle de “l’entêtement compact de la pierre” (*Le mur*, p. 66)». Esta citação é feita em *La terre et les revêries de la volonté*, de 1948, onde se analisa também o caso-Roquentin por assim dizer. A matéria provoca, irrita, produz uma «cólera imediata contra os objectos». As matérias duras, o mármore por exemplo, estimulam a vontade de as vencer, de derrotar «essa teimosia compacta da pedra». Com efeito, devemos sublinhar este *factor de agressão* das coisas¹³.

¹¹ Bachelard, Gaston, *L'eau et les rêves, Essai sur L'imagination de la matière*, Paris, Librairie José Corti, 1943, p.213 e ss.

¹² Bachelard, Gaston, *La terre et les revêries de la volonté* [TRV], Paris, Jose Corti, 1948, p.61. Acrescentemos ainda que esta ideia de *provocação* será posteriormente reiterada pelo autor em *L'Activité rationaliste de la physique contemporaine*, [1951] Paris, PUF, 2ª Ed., 1965, p. 101, *passim*.

¹³ Se bem que todas as coisas guardem o seu «coeficiente de adversidade», este nunca foi suficientemente examinado pelos fenomenólogos nem exprimido, de modo conveniente, pela intencionalidade fenomenológica. Assim, a fenomenologia pouco ou nada daria conta, pela sua função eminentemente descritiva, da *violência* do real. Contentar-se-ia com um acto teoricamente volitivo mas praticamente gratuito. Mais tarde ou mais cedo, o fenomenólogo dinâmico da matéria se encontrará rendido, a por assim dizer alguma circunstância hermenêutica compulsória, quer dizer, à necessidade da decifração objectiva do devaneio, desejando, deste modo, fixar e conceptualizar pela interpretação o sentido material das imagens e a comunicá-lo.

2. Mas, a bem dizer, não é esta a leitura sartreana mais contundente. Uma outra surge com maior capacidade crítica. É a que consta na última parte de *L'être et le néant*, onde se versa o tema «Da Qualidade como Reveladora do Ser». Sartre abre este parágrafo com aquilo a que apelida «a psicanálise das coisas» elaborada por Bachelard, onde a imaginação material seria uma descoberta genial. Não obstante, o próprio termo «imaginação» não servirá a Sartre, já que ela nada tem a ver com a percepção e ao excluí-la não pode nunca juntar imagens com sensações – o que, como vimos, já tinha sido estudado pelo autor em *L'imaginaire*¹⁴.

3. Resumindo os argumentos de Sartre, temos que:

a) apesar de a imaginação material ser uma «autêntica descoberta», não se trata de imaginar mas sim de perceber, e a percepção exclui a imaginação;

b) a tentativa de procurar «por detrás das coisas» as imagens que aí projectaríamos é uma ilusão pois, pretende-se aplicar às coisas e não ao sujeito uma psicanálise especial, a «psicanálise das coisas», o que não prespõe o necessário reenvio prévio ao próprio sujeito.

Deste modo, uma psicanálise do fogo por exemplo, uma psicanálise da neve, etc., são «ousadas» que não consideram nem as qualidades do *em-si puro* (v. g. o compacto, o granuloso, a fluidez homogénea e indiferenciada, o líquido), nem o «sentido ontológico» que determina a relação directa ao objectivo e não ao subjectivo. Em todas essas qualidades que Bachelard pretende portanto analisar nas matérias, onde está, pergunta Sartre, a relação

¹⁴ Já tivemos também oportunidade de referir as *ligações* entre a percepção e a imagem. Com efeito, tanto a filosofia realista como a psicologia geral, Husserl e o próprio Sartre, advogaram a anterioridade (fenomenológica) da percepção. Recapitulando: o estudo da percepção, enquanto determinação do processo imaginário, explicita que o sujeito capta, tão-só, partes de uma realidade que se perpetuam na memória, autorizando assim a lembrança desse real vivido. Contudo, ao lermos Bachelard, podemos afirmar que a *imagem percebida* (a sua função real) e a *imagem recriada* pelo ego da consciência imaginativa reprodutiva (a sua função irreal) são, pois, dois instantes psíquicos claramente opostos mas não por disjunção exclusiva. Uma unidade de presentificação não exclui e contradiz completamente a outra. Apenas mutuamente se substituem no fluxo temporal das vivências da consciência. Deixam revezar-se em compassos de tempo mais ou menos longos, o que depende do intuito subjectivo daquele que imagina.

Digamos que num outro grau fenomenológico a imaginação, enquanto modificação qualitativa na sua função irreal, intrinsecamente imaginativa portanto, prefere uma outra problemática, a saber, o onirismo inconsciente dos grandes arquétipos substanciais. Segue-se que a *imagem percebida* e a *imagem recriada* pela simples imaginação reprodutiva são então substituídas por um tipo outro de imagens, as seleccionadas pelo objecto da dinamologia fenomenológica, as *imagens imaginadas*, quer dizer, não meras reproduções da realidade sensível mas outras realidades presentificadas, de modo não-posicional, no *mundo da imagem*, no caso de Bachelard, *sublimações* de arquétipos. E é aqui que entra a psicanálise das coisas. Só ao estudo da imaginação produtiva, que explica a sublimação mediante um processo cognio-afectivo, é dado descobrir os verdadeiros valores estéticos destas imagens.

ao subjectivo?, à imaginação? Mas vejamos o que diz de facto Sartre acerca da relação onírica sólido/líquido por exemplo. Escreve ele: «Esta liquidez, que deverá comparar-se ela própria ao suco dos frutos e ao sangue do homem – que é também algo como a nossa secreta e vital liquidez – reenvia-nos a uma certa possibilidade permanente do *compacto, granuloso*, (designando uma certa qualidade de ser do *em-si puro*) de se metamorfosear em *fluidez homogénea e indiferenciada* (outra qualidade de ser do *em-si puro*). E apreendemos aqui desde a sua origem e com toda a sua significação ontológica a antinomia do contínuo e do descontínuo, pólos femininos e masculino do mundo, de que veremos em seguida o desenvolvimento dialéctico até à teoria dos *quanta* e à mecânica ondulatória. Poderemos assim acabar por decifrar o sentido secreto da neve, que é um sentido ontológico. Mas, em tudo isto, onde está a relação ao subjectivo? à imaginação? Não fizemos mais do que comparar estruturas rigorosamente objectivas e formular a hipótese que pode unificar e agrupar essas estruturas. Eis porque a psicanálise incide aqui sobre as próprias coisas, não sobre os homens. Eis porque, de igual modo, hesitarei mais do que G. Bachelard, a este nível, em recorrer às imaginações materiais dos poetas, mesmo que eles sejam Lautréamont, Rimbaud ou Poe.»¹⁵

Qual então o sentido de tal «método de decifração objectiva» aplicado não ao sujeito mas às coisas? Na verdade, «A qualidade material, escrevia Sartre uma página antes, sendo maneira de ser, não faz mais do que presentificar o ser de uma certa forma. O que nós escolhemos é portanto uma certa forma como o ser se descobre e se faz possuir. [...] [por isso] A Psicanálise existencial deve apurar o *sentido ontológico* das qualidades. É só assim – e não por considerações sobre a sexualidade – que se explicará, por exemplo, certas constantes das "imaginações" poéticas (o "geológico" em Rimbaud, a fluidez da água em Poe), ou muito simplesmente os *gostos* de cada um, esses famosos gostos dos quais se diz não ser preciso discutir».

§ 3. A leitura Bachelardiana de Sartre.

1. Veja-se por exemplo *Le matérialisme rationnel*, de 1953¹⁶, onde o autor marca bem a diferença entre a «psicanálise existencial» e a «psicanálise material» («brutal, cirúrgica») da matéria. A psicanálise materialista ajuda-nos a «limitar a influência das nossas imagens» pessoais, demasiado individualistas portanto.

E relativamente à sexualidade e à mecânica quântica eis a resposta, bem ao estilo irónico do velho epistemólogo, numa obra já de 1951, *L'activité*

¹⁵ Cf. *L'être et le néant*, p.663

¹⁶ Paris, PUF, 1990, pp.17-19.

rationaliste de la physique contemporaine, no seu Capítulo X, intitulado «A Dualidade corpúsculo e onda»: «Para parar esta perspectiva de sexualização da mecânica ondulatória dos quanta, não será para nós suficiente, como um bom Champanês [como habitante da região de Champanha portanto], dizer à onda sartreana: “Cuida-te, Bela Onda, está um enxame de fotões sobre o teu vestido?” E mais abaixo, Os filósofos existencialistas colocam por vezes, e ao contrário, as imagens *antes* das ideias. Assim que falam do assunto mostram-se como uns alquimistas atrasados»¹⁷. Tratam-se por conseguinte de noções «pseudo-contrárias» que nada melhoram a actividade científica¹⁸.

2. Ora, na obra de Bachelard, e contrariamente aos ensaios de Sartre onde se pretende uma definição fenomenológica da imagem, e onde o mundo das imagens é um mundo onde «nada se passa»¹⁹, jamais se assiste a uma reflexão focalizada, metodicamente orientada para uma tentativa de explicitação rigorosa dos termos *imagem*, *imaginação* e *imaginário*. Pelo contrário, mais do que definir e demonstrar, o interesse do bachelardismo é da ordem do ensaio de estética literária aplicada ao devaneio diurno da matéria, é da ordem da exposição de experiências oníricas concretas e correspondente interrogação filosófica. A própria psicanálise da matéria é, segundo Pierre Quillet, um ensaio de estética literária *enxertado* na realidade natural – não nas profundezas psicanalíticas da vida!²⁰

Mas que dizer, agora, acerca da leitura que Sartre faz da «psicanálise das coisas» do nosso autor? É sem sombra de dúvida legítima. Especialmente para quem, como Sartre, criou uma psicanálise própria, *existencial*, co-originária da liberdade humana; inteiramente «flexível»; metodicamente aplicada a *cada* indivíduo; e rejeitando o postulado do inconsciente (de um

¹⁷ Bachelard, Gaston, *L'activité rationaliste de la physique contemporaine*, Paris, PUF, 1965, p.192.

¹⁸ Em boa verdade, Bachelard, enquanto homem da ciência, obrigava-se a criticar os filósofos pelo seu desconhecimento ou propositado evitamento das definições científicas mais rigorosas, nomeadamente na noção pós-einsteinniana de *matéria*. O mesmo se passou em relação a Husserl como já tivemos oportunidade de explicitar num dos números da Revista «Phainomenon» (artigo intitulado «A Fenomenologia Científica de Bachelard», § 4. «Que matéria?», *In*, Revista *Phainomenon*, n.º 4, Outono de 2002).

¹⁹ *L'Imaginaire*, p. 26; 29, passim. Julgamos que sobre o tema da percepção *versus* imaginação já referimos o estritamente necessário de acordo com o âmbito desta conferência. Até porque, para o filósofo existencialista, dada a «pobreza essencial» da imagem ou da *consciência-imagem* (onde o modo da relação ao objecto é dada inteira e imediatamente, numa ausência de referência a uma transcendência), e por relação à *consciência-percepção* (onde o modo da relação ao objecto é tomada incompletamente, como um elemento ou percepto recortado numa rede virtualmente infinita).

²⁰ «La psychanalyse de la matière ne sera qu'un *essai d'esthétique littéraire*, parce que c'est l'écriture qu'elle dépouille, parce qu'elle se attache à un art poétique *greffé* sur la nature au lieu de s'enfoncer dans la profondeur de la vie», *In*, Quillet, P., *Bachelard*, Paris, Seghers, 1964, p. 118.

em-si portanto)²¹ – talvez pela impossibilidade de se aceder a algo fora da relação noético-noemática²². Nem discutiremos aqui a eventual influência que *La psychanalyse du feu, lautrémont*, ou *L'eau et les rêves*, assim como, quem sabe, uma ou outra aula de Bachelard, terão tido nesta matéria²³.

3. Mas devemos esclarecer a questão da psicanálise. Em primeiro lugar, a psicanálise não é específica ou tecnicamente feita sobre, por exemplo, a neve, o viscoso, sobre os homens ou sobre um autor específico (v. g. Novalis, Lautréamont, Poe). Como escreve Quillet: «O bom senso rectificará por si mesmo: [psicanálise sim mas] das *imagens* da matéria.»²⁴, o que já inclui o sujeito como o seu criador. O próprio termo *psicanálise* foi, de resto, utilizado apenas duas vezes em títulos, nas mais de duas dezenas de obras maiores de Bachelard (em *La formation de l'esprit scientifique. Contribution a une psychanalyse de la connaissance objective* e na famosa *La psychanalyse du feu*, ambas de 38). Por questões de rigor, como já se referira na *Introdução de L'eau et les rêves*, o autor colocou naturalmente de lado esse conceito nos ensaios seguintes e viria a abandoná-lo, substituindo-o pelo de *fenomenologia* (dinâmica).

Por outro lado, a intencionalidade fenomenológica, como Bachelard a entendeu, e que Sartre corroborou é, por si só, insuficiente para dar conta da resistência primeira das coisas, da sua natural tensão essencial – por essa razão, Bachelard conceptualizará uma *dinamologia*²⁵.

²¹ Cf. *L'être et le néant*, pp. 630-3.

²² Parece-nos que tal rejeição do ID freudiano poderá derivar do reconhecimento da impossibilidade de se aceder a algo fora da relação do noema com a sua noese, já que a noese, e o próprio eu ao fim e ao cabo, se constitui reflexivamente e, por conseguinte, na sua relação com a alteridade, resusando o em-si portanto.

²³ Para isso teríamos igualmente de averiguar, com mais pormenor e buscando recorrências, o que talvez se torne forçado, qual a eventual leitura que Bachelard fará da última parte de *L'être et le néant*, ou dos vários romances e novelas de Sartre. Sabe-se que todos os filósofos, não só os da universidade parisiense, e não obstante o seu maior ou menor grau de originalidade ou de estilo, têm direito às suas fecundas discussões, ao esclarecimento de ideias e conceitos, pois só desta forma é possível o mútuo entendimento. A nossa opinião é, no entanto, um pouco mais exigente que a de Sartre, nomeadamente no que diz respeito à sua interpretação da psicanálise bachelardiana que se circunscreve, segundo nos parece, a *L'eau et les rêves*. E isto porque a «psicanálise das coisas» possui uma intencionalidade própria, a que chamámos material ou, se quisermos, a intencionalidade poética da consciência imaginativa.

²⁴ «Psychanalyse de la matière. Le bons sens rectifiera de lui-même: *des images* de la matière. Ou l'idolâtrie de la matière chez Bachelard nous ramènerai-t-elle à l'animisme primitif? Non: Bachelard tend bien plutôt à demythologiser l'imagination de la matière, à dissoudre la nymphe dans la fontaine, à consumer la salamandre dans la flamme...» (Quillet, *ob. cit.* p.116).

²⁵ A fenomenologia dinâmica pode resumir-se ao seguinte: purificada pela *epoché* a realidade circundante (dada pela consciência de imagem por representação física) organiza-se imaginariamente enquanto transcendência neutralizada que faz dos objectos uma *força*, ou seja,

Finalmente, de onde, senão do sujeito, é *reenviado*, já para além da própria apercepção total, o sentido intuitivo ou *unidade de imaginação* que capta ou fixa o objecto, pelo interesse da intencionalidade material da consciência imaginativa? Aliás, quer-nos parecer, que é esta a razão daquilo a que Bachelard chamou a sua «revolução copernicana da imaginação»: não é no todo do objecto que se deve buscar a qualidade (qual «signo profundo da substância»!), mas, para além disso, encontrar a adesão ou o «compromisso» total do sujeito naquilo que imagina. Deste modo, a imaginação, exerce-se enquanto vontade de imaginar, numa função de «abolição da relação» entre o *interior* e o *exterior* – ideia que, segundo Paul Ginestier, o próprio Sartre considerará no seu célebre «um e um fazem um», na Cena Final de *Os Sequestrados de Altona*²⁶.

Bachelard, segundo a leitura sartreana²⁷, estará mais seguro do seu método que dos seus princípios, embora pareça pressupor, com os seus predecessores psicanalistas, os «princípios empíricos» ou os postulados da sexualidade, da libido freudiana e da vontade de poder adleriana. Daí, a ambígua adopção destes «*a priori*», uma vez que toda a psicanálise deve ter os seus, provoca em Bachelard uma confusão intelectual, que, não sabendo o que procura, o obriga, cito, a «pôr o carro à frente dos bois», desejando estabelecer as causas pelas consequências. O estudo bachelardiano sobre as

os volumes, as linhas, etc., são substituídas pela simples aparência recortada da esfera ontológica e presentificada à consciência sob uma outra dimensão, a do *cogito do devaneio* portanto. Se sonho o mundo o mundo existe como tal!

Mais, essa oposição básica das coisas que estão no mundo, esse «coeficiente de adversidade» da matéria, não se constitui apenas como uma estrutura rigorosamente objectiva ou um modo de ser, mas é antes de mais uma *situação* (ou «campo de obstáculos») do homem frente às coisas e não algo que se encontra, *verdadeiramente*, nas coisas. Escreve o autor em *L'Eau et les Rêves*: «Na batalha do homem e do mundo, não é o mundo que começa» – «Le monde est aussi bien le miroir de notre ère que la réaction de nos forces. Si le monde est ma volonté, il est aussi mon adversaire.[...] Dans la bataille de l'homme et du monde, ce n'est pas le monde qui commence.», In, Bachelard, Gaston, *L'eau et les rêves, Essai sur l'imagination de la matière*, Paris, Librairie José Corti, 1943, p. 214.

Em jeito de tópico conclusivo diremos que não é necessário buscar, num todo sistemático, dependências recíprocas, «homográficas», entre as coisas e as sensações, embora, como bem sabemos, e sem termos de desenvolver o tema das psicopatias, que muito do que se *sente* bastas vezes se arroga de alguma qualidade ficcional, melhor, a sensação apura-se, digamos assim e, variavelmente, é determinada pela próprias condições da *rêverie* (Cf. *Études*, nomeadamente p. 32 e ss.). E é precisamente esta última que provoca desvios, alterações, deslocamentos do seu *objecto* mediante recorrências oníricas, ou por qualquer princípio ou lei do devaneio activo.

²⁶ «Alors tout change parce que le centre de gravité du monde a subi un déplacement: au lieu de se trouver quelque part dans la relation du perçu-percevant, il devient l'abolition de la relation... idée reprise sans doute par Jean-Paul Sartre dans son célèbre "un et un font un" – (*Les séquestrés d'Altona*, Scène Finale, Paris, 1959)» In, Ginestier, P., *La pensée de Bachelard*, Bordas, 1968, p. 157.

²⁷ Cf. *L'être et le néant*, p. 663 e ss.

águas apresentar-se-ia portanto como um engenhoso conjunto de sugestões mas inútil, enquanto não se tiver fundado uma psicanálise que tenha encontrado, de modo rigoroso, os seus princípios que, segundo o mesmo Sartre, apenas poderão ser elucidados pela ontologia, pois só ela se «coloca originariamente na óptica do cogito», a saber, a *facticidade* e a *situação*.

4. Em boa verdade Bachelard, em 1942, conceptualizou uma psicanálise futura, uma «psicanálise material» – que como já sabemos, será abandonada, por força de novas descobertas, em nome de uma topoanálise ou fenomenologia dinâmica. Esta expressão, *psicanálise material*, seria retomada esporadicamente nas obras seguintes, e invariavelmente com a grelha fenomenológica aplicada tanto à sua reflexão epistemológica²⁸ como a toda a meditação sobre o imaginário. Da sua doutrina da imaginação material estavam já lançadas as sementes. Todavia, na questão da sexualidade, há que referir o empenho bachelardiano, por via da sua crítica à psicanálise da escola freudiana, em não fazer depender a sua análise do postulado da sexualidade, nem de qualquer outro. Mais do que isso: (assim como para Sartre aliás) a sexualidade vista por Bachelard é uma atitude empírica que não sobredetermina qualquer tipo de comportamento humano. A sexualidade está bem longe de ser, como em Freud, uma «estrutura significativa do simbolismo universal»²⁹.

Por outro lado, desde *La psychanalyse du feu* que a libido é entendida como um prolongamento do trabalho ou das actividades primitivas do *homo*

²⁸ Praticamente em todas as obras de ciência se emprega o termo *fenomenologia* – e a partir da sua ocorrência, poderia fazer-se um vasto trabalho de análise do percurso deste conceito na obra bachelardiana. Falará, por exemplo, em *Le matérialisme rationnel* (1958), numa espécie diferente de fenomenologia para a ciência, uma «fenomenotécnica» criadora de «novas matérias»: «On voit quelle multiplicité de problèmes soulève une phénoménologie visant la matière, une phénoménotéchnique créant sans cesse de nouvelles matières, un intermatérialisme s'instruisant dans des réactions mutuelles de diverses substances. Devant le caractère caché de la matière, il semble que la conscience sache qu'elle doit réformer ses visées, reprendre ses distances» (Paris, PUF, 1989, p.17)

²⁹ Quillet, *ob. cit.* p. 120. À psicanálise do bachelardismo pouco importa o Édipo, os dramas familiares, as regressões, ou a própria vontade de poder. Pelo contrário, talvez mais lhe interesse a análise das imagens inconscientes que o cientista projecta no trabalho de laboratório ou de todo o saber manual por si sós, sem os colocar directamente em relação com, por exemplo, a vontade de poder (como pode ler-se já na sua *La psychanalyse du feu* – Gallimard, 1949 – «Savoir et fabriquer sont des besoins qu'ont peut caractériser en eux-mêmes sans les mettre nécessairement en rapport avec la volonté de puissance» (p. 30). O que existe em Bachelard, isso sim, é uma apropriação, ou uma *re-conceptualização*, se assim nos podemos expressar, do androginismo de Jung, o que marca bem o afastamento de Freud. O mundo bachelardiano é *assexuado* – o que não impede que se considere a libido (e é o caso de *L'eau et les rêves* por exemplo) como um conceito útil mas necessitado de uma mais fecunda tematização, nomeadamente para além da noção, demasiado limitativa, de uma libido infantil (Cf. *L'eau et les rêves*, p. 12-3. A libido aparece como solidária de todo o carácter involutivo, como uma «dinâmica do apetite»).

faber. O «erotismo da pedra polida», numa sintética expressão de Quillet³⁰. A mão é o órgão activo da libido artesanal. Escreve Bachelard: «Aquele que trabalha o sílex ama o sílex, e não se ama de outra forma nem as pedras, nem as mulheres.»³¹ Digamos que a própria terra, na sua material cupidez, é também a imagem de uma concupiscência, algo semelhante àquilo a que os teólogos *gostavam* de chamar *libido dominandi*. Por outro lado, para o nosso autor, as primeiras manufacturas não realizam ainda a ciência mas tão-só o devaneio. E ainda assim, mostram que a «conquista do supérfluo» oferece uma maior «excitação espiritual» do que a do necessário. Por isso, «o homem é uma criação do desejo», não da necessidade portanto, como refere em *La psychanalyse du feu*³².

Mas diz-nos Sartre em *O Ser e o Nada*: «As significações *materiais*, o sentido humano das agulhas de neve, do granulado, do comprimido, do gorduroso, etc., são tão *reais* como o mundo, nem mais nem menos, e vir ao mundo é surgir no meio destas significações»³³. Ora julgamos não existir aqui o menor traço de antropomorfismo, algo que o próprio Sartre apontaria a Bachelard, mas tão-só um reconhecimento de algo humano nas coisas, ou como referiu Quillet por exemplo: «A significação da cola apenas se torna metafórica quando aplicada às conveniências [*rappports*] humanas.»³⁴

5. Contudo, o que talvez incomodasse mais visceralmente o autor de *La nausée*, fosse a própria ideia de uma psicanálise dos objectos (relacionada com os quatro elementos de Empédocles) e não de uma pessoa. Mas lembremo-nos de duas coisas: a fina ironia bachelardiana e o gosto pela irreverência contra as ideias tradicionais; e as características da sua psicanálise material ou topoanálise. A bem dizer é uma ideia pouco vulgar, mesmo louca (!), e talvez uma «audácia única» na história do pensamento do século XX, como nos refere Jean-Claude Margolin. Diz-nos este autor, numa obra bio-bibliográfica sobre Bachelard:³⁵ «É, com efeito, um golpe de audácia

³⁰ Quillet, *ob. cit.* p.88.

³¹ «Celui qui travaille le silex aime le silex et l'on aime pas autrement les pierres que les femmes (*La Psychanalyse du Feu*, p. 62).

³² «La conquête du superflu donne une excitation spirituelle plus grande que la conquête du nécessaire. L'homme est une création du désir, non pas une création du besoin» (p.38). No primitivo reino da imaginação, o *homo ludens* sobrepuja o *homo faber*. Espontaneamente se valoriza a matéria. O materialismo primitivo refaz a própria sexualidade. No fundo, vir ao mundo é (coincidentalmente, como diz Sartre), surgir no meio (em *situação*) de todas as significações materiais – o granulado, o gorduroso, etc., enfim, temas bachelardianos.

³³ *O Ser e o Nada*, p.589.

³⁴ *Ob. Cit.* P.121.

³⁵ « C'est là en effet un coup d'audace unique dans l'histoire de la pensée de notre siècle, que même les admirateurs et disciples de Bachelard n'entérinent pas sans peine. [...] La psychanalyse de Bachelard porte sur les choses, une forge, la pâte, la pierre, les eaux dormantes, la neige, à la rigueur une discipline scientifique – mais non tel maître qui l'enseigne – les images du *Maldoror*, mais non Lautréamont lui-même. En rêvant la matière (et non sur

única na história do pensamento do nosso século, o qual mesmo os admiradores e discípulos de Bachelard não ratificam sem alguma mágoa.[...] A psicanálise de Bachelard inscreve nas coisas uma forja, a massa, a pedra, as águas dormentes, a neve, segundo o rigor de uma disciplina científica – mas não o mestre que o ensina – as imagens de *Maldoror*, mas não Lautréamont ele mesmo. Enquanto sonho a matéria (e não *sobre* a matéria), eu dou vida às imagens que dormitam, uno a sua via própria a estes poderosos arquétipos cuja psicanálise demonstrou a eficácia.» E a este propósito, José Corti, amigo e editor de Bachelard, escrevia no número 39 de *Les temps modernes*: «Freud psicanalisou pacientes. Estendeu o seu método à psicologia colectiva. Ele não poderia sonhar em psicanalisar um objecto»³⁶. Obviamente que não! Pretende Corti explicar, pensamos, que segundo Bachelard não se psicanalisa portanto os autores (os sujeitos) mas as imagens das matérias (os objectos), sob o *efeito onírico* das quais eles escreveram ou produziram a sua obra – as imagens de Roquentin por exemplo, não Sartre ele mesmo. Mais explicitamente: pelo «devaneio de objecto» o sujeito encontra-se *face a face* com o seu correlato de consciência. Recebe-o na sua actualidade ou, o que é o mesmo, como ele se dá no seu inerente dinamismo estruturante, o que pre-nuncia já, em tal reciprocidade, a própria possibilidade dessa relação eu-coisa³⁷.

E se quiséssemos estabelecer um ponto de contacto entre ambos os autores diríamos que Sartre ao reflectir sobre este *sentido humano* das coisas, se afasta tanto como Bachelard (ou pelo menos assim o tenta) de uma limitada projecção dos sentimentos (ou estados de alma) do sujeito sobre as coisas, anulando inclusive, por esta via, uma ingenuamente idealista visão antropomórfica do mundo: aquela que o reduz ao eu recusando o próprio factor de agressão da matéria. Diz Sartre: «Mostrámos o erro que existiria,

la matière), je donne vie aux images qui y sommeillaient, je rattache leur vie propre à ces puissants archétypes dont la psychanalyse a montré l'efficacité.», *In*, Margolin, Jean-Claude, *Bachelard*, Seuil, 1974, p.53.

³⁶ «Freud a psychanalysé bien des patients. Il a étendue sa méthode à la psychologie collective. Il n'aurait pas songé à psychanalyser un objet» (*Les temps modernes*, n° 39. p. 115 – citado por Margolin, *ob. cit.* p. 53).

³⁷ Segundo entendemos, a possível perplexidade advinda da embaraçosa expressão «psicanálise das coisas» – e, bem entendido, não *sobre* as coisas – surgirá por um lado, de uma apressada interpretação do próprio componente dinâmico das imagens psicotrópicas que o «coeficiente de adversidade» de toda a matéria sempre realiza – podendo ver-se, eventualmente, nesta teoria, uma gratuita projecção inconsciente por parte da capacidade ficcional do escritor Bachelard (o que certamente evidenciaria, por parte de quem assim o entendesse, uma ausência de reflexão ou uma falta de *hábito onírico* digamos assim, em reflectir sobre a subsistente *função material* do trabalho quotidiano); por outro lado, essa hesitação será o produto de uma deficiente consideração da imagem material *enquanto* (*que*) imagem expressa – pois só nesta medida ela é susceptível de ser descrita e analisada nos diversos estratos de significação *em que* surge à consciência imaginante, e segundo as suas leis próprias portanto.

por exemplo, em crer que «projectamos» as nossas disposições afectivas *sobre* a coisa, para a esclarecer ou colorir»³⁸. Diz Bachelard: «Tratam-se de [atitudes irreflectidas], por exemplo, no domínio da imaginação, das imagens favoritas que julgamos retiradas dos espectáculos do mundo e que não são mais do que *projeções* de uma alma obscura»³⁹.

Ora, do mesmo modo que não existe um antropomorfismo ou projecção doentia do eu sobre as coisas, também não toma lugar, pelo menos em Bachelard, algo como um imperialismo psicanalítico pan-sexualizado do sujeito, sendo portanto toda esta querela criada por Sartre um tanto forçada e algo artificial.

§ 4. É necessário pôr Roquentin a trabalhar.

1. O existencialismo, na interpretação original de Sartre, marcou bem o tema da matéria: a existência bruta da matéria dá-se em si e por si mesma ao homem, sem justificações, sem deuses, sem desculpas, mas de igual modo através de um radical desencanto que encontra o ser aí em absoluta falta de fundamento e sem finalidade alguma, um nada portanto.

Mas é agora tempo de sabermos qual a leitura que Bachelard faz do «existencialismo da matéria» de Sartre, exposto, por exemplo, em *La nausée*? Ou das páginas acerca do tema do viscoso, escritas para *L'être et le néant*? Que interesse possuem tais temáticas para a *doutrina* da imaginação material? Bachelard, também leitor de romances como já afirmámos, encontra em Roquentin um personagem digno de figurar entre as suas escolhas?

³⁸ *L'être et le néant*, p. 666.

³⁹ *L'eau et les rêves*, p.26. No entanto, se quisermos insistir na existência desse tipo de projecção em Bachelard, há que a interpretar pelo menos, no sentido de um hiato fundamental entre a consciência e o seu objecto – ou, se quisermos utilizar linguagem sartreana, uma incontornável diferença radical entre o *para-si* e o *em-si*. Melhor, para o nosso autor – e como bem nota Mansuy (Cf. Mansuy, *ob. cit.* p. 145) – se o sonhador oferece às matérias algumas das suas imagens pessoais, a sua subjectividade portanto, ele permanece, contudo, num abismo intransponível entre o mundo da imagem e o mundo do objecto, quer dizer, o homem permanece, inexoravelmente, estrangeiro ao mundo. Talvez seja a velhíssima e incontornável questão platónica por exemplo e que Sócrates refere antes de morrer, no *Fédon*, essa impossibilidade humana de conceptualizarmos os *contrários em si* sem uma fundamental referência aos *contrários em nós!*, ou ainda a complexa questão das essências das quais o próprio Husserl parece partir. Enfim, essa sartreana «ligação sintética» do «para-si ele mesmo», o *para-si* e o *em-si*, evitando deste modo toda a cisão do ser, não preocupa Bachelard. Para este, porque admite como base circunstancial para a criação a justaposição ser/consciência, a imaginação material pode preencher, e fá-lo efectivamente através da obra – e que mais nos resta no fundo?! – esse hiato fundamental. A sua perspectiva não é portanto a de um mero associacionismo ultrapassado, nem de uma imagem narcísica exclusivamente consciencial.

Diremos desde já, e de modo reduzido, que para uma micropsicologia das (nossas) pequenas imagens, para que possamos medir e pensar sobre a sua ambivalência psicológica (atração/repulsão por exemplo), haverá que reflectir sobre todas as obras que se possam incluir dentro de um género filosófico maior, um por assim dizer *mundus imaginalis*⁴⁰ – como a maior parte dos romances (não só os existencialistas) ou a própria arte, de um modo geral. Por exemplo, poderíamos reler *Le mythe de sisyphé*, pensando no fenómeno da projecção ou da sublimação de uma matéria (a pedra). Desta sorte, afigura-se também razoável reler *La nausée* pensando naquilo a que poderíamos chamar uma *patologia da imaginação material*, quer dizer, um conflituoso estado íntimo que partindo de uma ambivalência se complexifica numa espécie de dilema existencial, por relação às sensações tácteis.

As coisas agridem, pegam-se às mãos! Roquentin, esse «infantil nas reacções», fala de um «enjoo adocicado», de uma «náusea nas mãos». Roquentin sente estupefacto a abrupta novidade dos objectos. Sente-a nas suas mãos ao tocarem as coisas. As mãos são aqui uma espécie de veículo transmissor da náusea, ou seja, a sensação de vômito perante situações vividas ou perante objectos tocados. Eis o «enigma táctil», para nos servirmos de uma expressão de François Noudelmann⁴¹. Tocar num objecto frio (o fecho da porta por exemplo, uma pedra, objectos que possuem uma personalidade própria que o afecta; ver algo quando se está à janela ou no jardim, ou mesmo o acto da escrita que apenas acaba por fazer demorar a mesma náusea, a cor da camisa de alguém, etc.⁴², são alguns dos momentos em que

⁴⁰ Para utilizar uma expressão criada pelo iranólogo Henri Corbin que, ao examinar a imaginação visionária dos místicos filosóficos do Irão islâmico, pretendia substituir o conceito de «imaginário» por «imaginal», mais concretamente pela expressão latina *mundus imaginalis* – na sua obra *L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn Arabî*, Paris, Flammarion, 1975. A expressão *mondo imaginal* é reconstituída por Jean-C., Lambert, no seu originalíssimo estudo de imaginação material aplicada às artes, *Le règne imaginal – L'imagination matérielle* (Paris, Ed. Cercle d'Art, 1991) – nesta obra pode encontrar-se, por exemplo, um admirável estudo sobre «Os labirintos contemporâneos» (o tema do labirinto como exemplo do dinamismo material da imagem), focando as obras de, entre outros, Klee, Picasso, Miro, Dubuffet. Lambert, discípulo de Bachelard, prefere definir todo «o produto da faculdade imaginativa, criadora de imagens» com o conceito de *imaginal*, até para o distinguir de *imaginário* – que modernamente se interpreta, de modo demasiado simples, como «fantasia». Escreve Lambert: «Le règne imaginal est alors le lieu de tous les actes d'image. Et l'acte d'image, de toute image, se constitue dans un échange permanent, un va-et-vient entre la perception sensorielle et le mental, le sensible et le conceptuel, le penser et le voir» (p. 8).

⁴¹ Veja-se uma brochura intitulada *Jean-Paul Sartre*, da Associação para a Diffusão da Pensée Française, editada em Janeiro de 2005 pelo Ministère des Affaires Étrangères (p. 18), surgida em Portugal por ocasião de um evento na Fundação Calouste Gulbenkian, em 2 de Fevereiro de 2005, «Portrait Croisé. Sartre et Beauvoir».

⁴² Exemplos retirados de Sartre, *A Náusea*, Ed. Europa-América, Trad. António Coimbra Martins, pp. 11,19,154,216,20, respectivamente.

Roquentin sente a náusea, como se tratasse de um englobante transcendente a si mesmo, fora de si, e no qual ele, de modo inexplicável, se deixa submergir. Mas ela poderá também, estranhamente, desaparecer ao ouvir por exemplo uma música, dissipar-se para dar lugar a uma nova sensação de *uno originário* nietzscheano por assim dizer, um sentimento de imiscuição do eu no todo envolvente, actual e autêntico, isto é, para além da conceptualização apenas o corpo, como peça integrante da unidade primordial entre si e o ser da realidade presente. E por isso apenas poucas vezes Roquentin é feliz na relação com a matéria: aperta o copo na mão, ou a planta carnuda e branca no fundo da água que com ele forma um todo pleno, etc⁴³. Mas a náusea mantém-se, incontornável, sempre e sempre: tocar as coisas, eis o grande desvario da razão! As matérias frias e duras são um sofrimento. Diz ele:

«Os objectos não deviam impressionar-nos o tacto, visto que não vivem. Servimo-nos deles, pomo-los no seu lugar, vivemos no meio deles: são úteis, nada mais. E, a mim, os objectos tocam-me; é insuportável. Tenho medo de entrar em contacto com eles, como se fossem animais vivos.

Agora percebo: lembro-me melhor do que senti, no outro dia, à beira-mar, quando tinha a pedra na mão. Era uma espécie de enjojo adocicado. Que desagradável que era! E a sensação vinha da pedra, tenho a certeza, passava da pedra para as minhas mãos. Sim, é isso, é exactamente isso: uma espécie de náusea nas mãos».⁴⁴

Temos então o enjojo adocicado da existência! Bela expressão. As mãos, o que nos distingue de todos os outros animais, são precisamente o nosso pesadelo já que, por elas, sentimos que existimos e sofremos o mundo na sua pesada adversidade à nossa existência pensante. Existimos e sentimo-lo com uma leveza, suavidade, lentidão⁴⁵, como algo suspenso que se desvanece no próprio momento em que nele se reflecte. Pelas mãos sentimos as coisas que não são o nosso ser (por exemplo, tenho a minha mão sobre «a mesa que não sou eu»⁴⁶). Elas existem por si! Mas se pudesse parar de pensar, se pudesse evitar o enjojo de pensar, que é mais enjoativo do que a carne, talvez conseguisse evitar o contínuo da náusea, que me diz que apesar do corpo viver sozinho, uma vez que começou a viver primeiro que o pensamento, ele só é meu porque o penso, já que o «meu pensamento sou eu: por isso é que não posso deter-me. Existo porque penso... e não posso deixar de pensar»⁴⁷, escreveu Roquentin na sua ficção diarística. Seguidamente resolve dar uma «fachada à palma» da mão mas nada mudou substancialmente. Ape-

⁴³ Cf. *A Náusea*, pp. 33,34,74.

⁴⁴ *A Náusea*, p. 19.

⁴⁵ *Id.*, p. 125.

⁴⁶ *Id.*, p. 126.

⁴⁷ *Id.*, p. 127.

nas aquele charcozinho de sangue que deixou, enfim, de lhe pertencer, de ser o seu eu.

Ora, na ordem da imaginação das matérias, tal personagem, estaria condenado a manter uma frágil atitude fechada perante a vida, pois não consegue aceder ao «solidismo». Roquentin está portanto doente no mundo das suas imagens materiais. Intimamente dividido pela ambivalência, incapaz de estabelecer por vontade própria uma relação eficaz com a matéria, ele parece projectar o seu estado de espírito na substância das coisas, atribuindo-lhes qualidades contraditórias⁴⁸. Mas será que ele projecta, de facto, a sua *melancolia*, para utilizarmos um dos possíveis títulos de *La nausée*?⁴⁹

Diz Bachelard:

«A náusea na mão! Texto capital para a psicologia de uma massa infeliz, para uma doutrina da imaginação manual da mão enfraquecida. Esta mão, à qual não pode dar-se, na ocasião própria, um trabalho objectivo, uma matéria atraente, constitui mal o mundo material. Em frente de uma matéria um pouco fugaz ou insidiosa, a separação do sujeito e do objecto é mal feita, o que tacteia e o tacteado, individualizam-se mal, um é demasiado lento, outro é demasiado mole»⁵⁰

Efectivamente, «a mão passiva nada imagina» – a mão, assim como o próprio olhar, possui o seu devaneio específico (reitera por exemplo Simone de Beauvoir, citando Bachelard⁵¹). Escreve o autor: «O mundo é a minha náusea, diria um Schopenhauer sartreano!»

2. Segundo Bachelard, Sartre em *L'être et le néant*, e de um modo contundente, faz do viscoso, ou do pegajoso, um objecto de estudo filosó-

⁴⁸ «Il [Sartre] nous présente un personnage qui, dans l'ordre de l'imagination matérielle, ne peut accéder au «solidisme» et qui, conséquemment, ne pourra jamais maintenir dans la vie une attitude ferme. Roquentin est malade *dans le monde même de ses images matérielles*, c'est-à-dire dans sa volonté d'établir un rapport efficace avec *la substance des choses*. Il attribuera à la substance des choses des qualités contradictoires, parce qu'il aborde les choses, divisé lui-même par une ambivalence » (*In, La terre et les rêveries de la volonté. Essai sur l'imagination des forces*, Paris, Librairie Jose Corti, 1948, Parte I, Capítulo V,III, pp. 112-3).

⁴⁹ Outro seria *As Aventuras Extraordinárias de Antoine Roquentin*.

⁵⁰ «La nausée dans la main! Texte capital pour une psychologie de la pâte malheureuse, pour une doctrine de l'imagination manuelle de la main affaiblie. Cette main à laquelle on n'a peut-être pas donné à temps un travail objectif, une matière attirante, constitue mal le monde matériel. Devant une matière un peu insidieuse ou fuyante, la séparation du sujet et de l'objet se fait mal, le tâtant et le tâte s'individualisent mal, l'un est trop lent, l'autre est trop mou. Le Monde est ma nausée, dirait un Schopenhauer sartrien » (*Ob. Cit.* p.14).

⁵¹ Beauvoir, Simone, *Le deuxième sexe*, 1949, p. 70 – [2º volume, Iª parte]. Esta é, aliás, uma das várias vezes que a autora refere os trabalhos de Bachelard sobre a *terra* – veja-se, por exemplo, o 1º volume, nas Iª e IIIª partes.

fico, ou como diria Dagognet, «um modelo simbólico do perigoso»⁵². Mais, «Sartre desmascara o viscoso» escreve Bachelard⁵³. Não obstante, a relação eu/coisa notificada pelo «existencialismo da matéria real» difere, por via da dinamogenia material das imagens, da «doutrina da matéria imaginada», que considera essa mesma relação. A atracção táctil pela matéria é uma «vertigem» – aquilo a que, em *L'être et le néant*, se chama «fascinação táctil do viscoso» ou, dizemos nós, aquilo a que Sartre chama «a vingança do em-si»⁵⁴, numa alusão, parece-nos, ao sentimento do absurdo que condena o *pour-soi* de Roquentin por assim dizer à incontornável dialéctica do repouso e do movimento. E lembremo-nos do episódio do castanheiro em *La nausée*, ao fim da tarde. Roquentin fascinou-se pela raiz da árvore, raiz «amassada em existência», e sentiu a desordem da monstruosidade e da moleza, a «medonha e obscena nudez» da matéria que o rodeava. Essa matéria estava a mais. Ele próprio se sentia a mais, como «mulheres cansadas que se abandonam ao riso». Ele *era* o castanheiro e escreve, numa clara imiscuição nas imagens da terra mas com o espírito no ar digamos assim: «[...] o cepo inteiro dava-me então a impressão de sair um pouco para fora de si próprio, de se negar, de se perder num estranho excesso.»⁵⁵ Roquentin desejava no fundo existir com «menos intensidade», de um modo mais recatado e abstracto. Eis pois a dilacerante dialéctica ser/repouso e movimento/nada: eis o problema de Roquentin (ele próprio admite que tem um problema!). Ele é potencial acção que nadifica o seu eu e é precisamente consumido por essa pressuposição, por essa consciência (desejo) da impossibilidade de ser o todo existente. Ele quer escapar de si próprio mas não suporta o próprio processo do em-si-para-si. Não consegue enfrentar positivamente a necessária relação com o em-si. O em-si do ser que é o seu próprio fundamento, nem assumir o seu próprio projecto como homem enquanto destino do homem. Trata-se, por conseguinte, de um tremendo sonho acordado suscitado pelo *ser-em-si* das matérias da terra. Mas o sujeito do sonho é e está *no* e *com* o mundo que o agride, implacável e frio, com a sua visceral materialidade viscosa. Inquietude e calma, devaneio e risco de perder o mundo da matéria, ou a matéria do mundo o que vem a dar no mesmo. O perigo de se deixar enredar pela vertigem do querer ser nada, um *nada* discreto digamos assim, calmo, mas ao mesmo tempo *tudo* numa espécie de sincretismo consciente e pleno

⁵² Dagognet, F., *Gaston Bachelard. Sa vie, son œuvre, avec un exposé de sa philosophie*, Paris, PUF, 1965. p. 36.

⁵³ *La terre et les rêveries de la volonté*, p. 115. Resta-nos acrescentar que estas imagens materiais do mole, do homem que amassa, esculpe, molda, que trabalha a argila etc.; foram temas propostos para reflexão por Bachelard em *L'Eau et les Rêves*, onde se dá notícia do desejo de um estudo mais detalhado sobre o assunto. Ele acontecerá seis anos depois, trata-se, precisamente, de *La terre et les rêveries de la volonté*.

⁵⁴ Cf. *L'être et le néant*, p. 671.

⁵⁵ Sartre, *A Náusea*, Europa-América, p.163. Ver a partir da p. 159.

de si, como uma espécie de retorno ao pensamento infantil nas sua fase de apreensão primária. Como mais tarde dirá em *Cahiers pour une morale*: «O homem é para-si (movimento, nada) aspirando ao em-si (ser e repouso) mas ele quer ser o repouso no movimento ou o movimento no repouso – a inquietude na calma. Eis porque os dois ideais que se lhe propõem se situam fora da exigência sincrética que ele é».⁵⁶

E o sujeito, perguntaria Bachelard, que pode ele fazer? De facto, a acção de trabalhar a massa pegajosa, é (felizmente) contrária à simples afecção passiva: aquela que sofre talvez angustiadamente, aquela que sente *nausea*. Assim, poderá afirmar-se, por generalização, que as filosofias da angústia, que sempre procuram os princípios menos simples, subestimam «a actividade da imaginação efémera», e por isso apenas denotam um sentido de causalidade, especialmente quando a fazem depender de uma má resolução das imagens espaciais que, de modo negativo, afectam o sujeito⁵⁷. Mas a mão, «A mão trabalhadora, explica o autor, a mão animada pelos devaneios do trabalho, compromete-se » [«s'engage»]⁵⁸. E se a matéria é pegajosa pois que «se lavem as mãos»! A mão impõe-se à matéria e ultrapassa esse *locus horrendus* existencialista. É, aliás, precisamente isso que define antropologicamente a *mão*: uma potência activa – caso contrário nada cria imaginando, apenas se atormenta no silêncio do *individuum inefabile*, para nos servirmos de uma expressão de Jean-François Louette⁵⁹. A mão é consciência de acção, como refere Bachelard num pequeníssimo texto (de 1949) intitulado «Matière et Main»⁶⁰!

Como devemos então pôr Roquentin a trabalhar? – para utilizar um título furtado a Hélène Védrine⁶¹. Diz Bachelard, não sem alguma ironia, numa obra editada no mesmo ano de *La terre et les rêveries de la volonté*, 1948, *La terre et les rêveries du repos. Essai sur l'imagination de l'intimité*: «Haveria, sem dúvida, alguma humanidade ao pôr Roquentin, o herói de *La nausée*, defronte a um torno, lima na mão, para lhe ensinar do ferro a beleza e a força de uma superfície plana, a rectidão do ângulo recto. Um bom tronco de madeira para desbastar com uma grossa lima, seria suficiente para, alegremente, lhe ensinar que o carvalho não apodrece, que a madeira exprime dinamismo por dinamismo, de modo breve, que a saúde do nosso

⁵⁶ Citado por Hadi Rizk, *In, Magazine Littéraire*, nº 282, 1990, p. 60.

⁵⁷ Cf. Bachelard, *La Poétique de L'espace*, Paris, PUF, 1989, p. 197.

⁵⁸ *La terre et les rêveries de la volonté*, p.116.

⁵⁹ *In, Magazine Littéraire*, p. 48.

⁶⁰ «Toute main est conscience d'action» (citado de «Matière et main», *In, Le droit de rêver*, Paris, PUF, 1993 p. 68). Obra póstuma.

⁶¹ Cf. Védrine, H., «Comme mettre Roquentin au travail...ou Bachelard et Sartre sur l'imaginaire», *In Gaston Bachelard, Profils épistémologiques*, Presses de L'Université d'Ottawa, 1987, pp. 109-19.

espírito está nas nossas mãos»⁶². Um Roquentin bachelardiano por assim dizer abandonaria o projecto do ser-em-si-para-si e passaria à verdade da acção e, eventualmente, compreenderia que não aceitar a agressão natural das coisas, e sofrer por isso, é não aceitar a acção sobre as coisas, e sofrer por isso. Roquentin está doente. Ele sofre com a matéria. Sofre pela matéria e na matéria. Escandalosamente, os objectos assaltam-lhe o espírito como algo que de modo repentino estoirasse insólito nas suas mãos. Estas, parecem-lhe, têm vontade própria mas, se bem que autónomas dependem no entanto das suas cogitações. «Ó da guarda, ó da guarda, existo»⁶³, grita Roquentin. Como é possível que o outro, o mundo, ou seja, as matérias, possam produzir em mim tamanha sensação de desconforto, tamanho laivo de loucura que sem pruridos se impregna no meu ser físico, que ocupa um espaço e, ironicamente, me impede de ser eu, de fazer as pazes com o meu eu? Se eu fosse só espírito talvez ajudasse! Mas se fosse apenas espírito seria por sua vez ele que, irremediavelmente, me envolveria no turbilhão do cogito. Absurda contradição. Inefável, frustrante constatação. Que fazer então? Talvez fosse melhor trabalhar...⁶⁴

3. Qualquer dos modos, e não há que o esconder, Bachelard e, no caso vertente, tanto como Sartre, praticaram «muito livremente» o método fenomenológico, mas com uma maior criatividade por parte de Bachelard no entanto. Num, o resultado canalizou-se para uma «estética concreta», uma vez que a imaginação ensina fenomenologia, noutro, para uma «estética do não-ser», como referiu Hélène Védrine⁶⁵, uma vez que a imaginação é nadificação. Num caso a fenomenologia dinâmica. Noutro a fenomenologia ontológica. E em ambos, se quisermos ser académicos, não existiu fenomenologia (pura) mas tão-só análises psico-fenomenológicas de cariz literário-filosófico. Mas também em ambos surge a necessidade da acção. Esta é evidente em Bachelard e, em boa justiça, já Roquentin a sentira quando, já

⁶² «Il y aurait sans doute quelque humanité à mettre Roquentin, le héros de *La nausée*, devant l'étau, la lime en main pour lui apprendre sur le fer la beauté et la force de la surface plane, la rectitude de l'angle droit. Une bonne bille de bois à dégrossir à la râpe suffirait à lui apprendre gaiement que le chêne ne pourrait pas, que le bois rend dynamisme pour dynamisme, bref que la santé de notre esprit est dans nos mains.» (*La terre et les rêveries du repos*, Paris, José Corti, 1984, p. 305).

⁶³ *A Náusea*, p. 130.

⁶⁴ É Interessante notar que o próprio Vergílio Ferreira afirma algo semelhante, nos seus inéditos, e de acordo com Fernanda Irene Fonseca (na sua comunicação ao auditório do Colóquio «Jean-Paul Sartre – Uma Cultura da Alteridade». Filosofia e Literatura, que decorreu na Faculdade Nova de Lisboa, em 27 e 28 do passado Outubro). Vergílio Ferreira, falando do «longo vômito» que constitui *Les chemins de la liberté*, sugere ao autor que ponha, por exemplo, as suas personagens «a lavar roupa» ou «uma enxada nas unhas».

⁶⁵ «Enfin, la méthode phénoménologique, très librement pratiquée par les deux auteurs devait permettre d'élaborer une "esthétique concrète" pour Bachelard, une "esthétique du Non-être" pour Sartre» (Védrine, *ob. cit.* p. 110).

no fim da sua aventura interior, refere a necessidade de ter «qualquer coisa para fazer» ou «um trabalho qualquer».

Enfim, o que os pode diferenciar de modo mais contundente, ou a diferença entre o mesmo Bachelard e o primeiro Sartre se quisermos, está no nosso ponto de vista subsumido numa citação que o autor de *La terre et les rêveries de la volonté* faz do poeta-escritor lituano de expressão francesa Óscar Milosz: «Tu, tens um coração para a esperança e mãos para o trabalho»⁶⁶.

4. Finalmente, há como se torna evidente uma má relação de Roquentin com a matéria. Poderemos no entanto afirmar que se toma aqui o contido pelo continente, numa espécie de insuportável antonomásia existencial? Toma-se a pedra pela terra, o sangue pela água, a melodia pelo ar, e o fogo...esse não nos parece presente em *A Náusea*. Porque o fogo é o que nos convida, de modo flagrante, para a mudança e para a vida, para a transformação criativa da matéria. É ele que nos adormece os sentidos mas que também nos estimula a vontade, o desejo de alterar a ordem das coisas. Ora, todo esse peso material enraizado no mundo do fenomenismo sensível não é portanto resolvido pela via da transformação. Nem sequer aparece o fogo idealizado (também não é necessário que apareça bem entendido!) mediante uma sublimação dialéctica do sensível na sua relação com a luz por exemplo, já que é esta a base de toda a imaginação material do fogo segundo Bachelard⁶⁷. E caso aparecesse só o poderia fazer sob a forma de uma contradição intrínseca com esse tipo de imaginação, a saber, o fogo também brilha sem queimar e para que tal aconteça é necessário amar alguém escapando à dúvida para viver na «evidência do coração». Roquentin não consegue amar ninguém nem coisa alguma. Mesmo a escrita o enoja. Refugia-se uma metafísica metonímica insolúvel: designa os objectos, ou as várias realidades, mediante o uso de vocábulos que se lhe referem. Por esta via não logra

⁶⁶ «Tu as un cœur pour l'espérance et des mains pour le travail» (*TRV*, p. 36). Bachelard, homem provinciano de solitários combates; aprendiz de «filosofia campónia», como ele gostava de dizer; leitor inveterado enfim rendido à página branca, à escrita poética do imaginário – e que, talvez dolorosamente, nunca terá escrito um único poema! – homem da *rêverie* radiofónica; produtor de inúmeros prefácios e artigos dispersos; recensões críticas, conferências etc; escritor de textos de comentário de várias obras de arte contemporânea; que recebe o Grande Prémio Nacional das Letras; terá tido uma intervenção por assim dizer mais universitária: despertar os espíritos académicos do sono da tradição, ensinar-lhes (ou, no mínimo, comunicar-lhes) o espírito da novidade, deixando uma larga herança na epistemologia e na estética. A sua personalidade filosófica opõe-se, evidentemente, a(o) (então jovem) Jean-Paul Sartre. Este último, homem político; combatente das praças públicas e dos *media*; activo elemento do Tribunal Russell; lutador revolucionário para uma *nova existência* humana; que recusou o Prémio Nobel da Literatura; terá tido uma intervenção mais directa no *status quo*: despertar os espíritos para a liberdade da militância nas ideias e na vida.

⁶⁷ Cf. Bachelard, *La psychanalyse du feu*, p. 180.

assumir conscientemente não a repulsa das matérias mas a repulsa da própria vida. Pretende vingar-se contra si mesmo no fundo, por não conseguir ser aquilo que já é, um projecto. Enfim, fazer as pazes com a vida. Perdoar-lhe por não lhe ter dado a família e a história que secretamente talvez desejasse e enfrentar assim o facto de que, na verdade, não é o melhor que de si esperava ou mais gostaria, mas que também não é o pior espelho de si mesmo, e isto poderá não ser menos verdadeiro, já que os outros sempre lhe reenviam a imagem de modo construtivo (é o caso de Anny que o respeita na sua inexpugnável liberdade mas que lhe destrói o impulso egoísta de ser apenas ele, recolocando-o, no fim de contas, na realidade).

Enfim, Sartre acaba por confessar que não é feito de argila mas de vento. Foi quiçá a verticalidade do ar que lhe arrebatou a imaginação tanto quanto o seu prolixo pensamento.

III. Conclusão

Sem sombra de dúvida que *A Náusea* é um romance vivido e sofrido. Especialmente depois das experiências alucinatórias com a mescalina, *A Náusea*, esse *Bildungsroman*⁶⁸ esclarece a posição de Sartre no mundo da vida, da liberdade e no mundo das imagens. Este romance excepcional, irónico e de forte tom ontológico, acaba por dar continuidade, pela criação literária, ao desejo de verdadeira metamorfose do seu autor que, nos seus escritos de juventude, na década de vinte, afirmava já: «Uma náusea insuperável agarrava-me pelo pescoço, e o meu corpo sofria mais que a minha alma, embora em nada pensasse. Subitamente fui invadido por uma grande piedade por mim mesmo».⁶⁹ Em contrapartida, no fim da vida, na célebre e polémica entrevista a Benny Lévy, o autor revela que nunca sentiu angústia, nem desespero, e que se tratavam de meras «noções chave» da época heideggeriana dos anos 30/40. As contradições dos génios criadores ao fim e ao cabo e que nos legaram uma imagem não piedosa mas violenta, como bem sugeriu Régis Debray⁷⁰.

Talvez por isso, e como tudo aquilo que se escreve é no fundo autobiográfico Bachelard, o filósofo do *mundo provincial*, escolheu um «coeficiente de “sobre-realidade”». Pela mesma razão, Sartre o filósofo do *mundo citadino*, terá optado por um «coeficiente de negatividade» – para utilizar duas boas expressões da já referida Hélène Védrine.

⁶⁸ Para utilizarmos uma expressão de Frédéric Keck, no n.º triplo de *Les temps modernes*, Julho-Outubro de 2005 (p. 187), exclusivamente dedicado a Sartre e a alguns dos seus inéditos.

⁶⁹ In, *Magazine Littéraire*, p. 35

⁷⁰ Debray, Régis, «Um Intelectual de Verdade» In, *O Testamento de Sartre*, Brasil, L&PM Editores, 1986, p.81.

Partindo de uma «descoberta genial» de Bachelard, Sartre tematizou-a para a tentar reduzir à sua grelha existencial. Não o conseguiu. A matéria bachelardiana está, de facto, para além da sua mera reprodução de imagens homografias de si mesma digamos assim. Ela é a produção de imagens que o sujeito descobre pelo devaneio activo, recriando-a num originalidade primordial, a partir do ser que se definirá, por ironia, como uma «cólera a priori»⁷¹, a adversidade de que Sartre falava. E será este o único *a priori* de Bachelard. Até porque, e no caso da poesia por exemplo, ele defenderá uma a-causalidade no surgimento da imagem, um pouco na esteira do psiquiatra e fenomenólogo Eugène Minkowski⁷². A imagem não se esgota na sua determinação por uma causa. Ela vive pelo contrário enquanto fenómeno actual de consciência tematizante da matéria. Vive pela expressão comunicada e pela necessidade do devaneio activo. Terminemos com uma citação do *Zarathustra* de Nietzsche feita pelo próprio Bachelard: «Silence! Silence! / Comme un vent délicieux danse invisiblement sur les scintillantes pailletes de la mer, léger, léger comme une plume: ainsi – le sommeil danse sur moi. / Il ne me ferme pas les yeux, il laisse mon âme en éveil. / Il est léger, en vérité, léger comme une plume – (*Zarathoustra*, En plein midi)»⁷³.

⁷¹ Bachelard, Gaston, *L'eau et les rêves, Essai sur L'imagination de la matière*, p.213.

⁷² Foi na verdade o psiquiatra Eugène Minkowski um dos principais críticos da ideia de causa. Minkowski, que também escreveu sobre Bachelard, («Vers quels horizons nous emmène Gaston Bachelard», *In Revue internationale de philosophie*, 1963, nº 66, pp. 429-504), reiterou a negatividade da ideia de génese. Escreve ele: «L'idée de genèse, est devenue de nos jours une véritable hantise. Nous croyons épuiser la nature d'un phénomène par la découverte de sa cause. [...] Nous sacrifions le phénomène étudié à notre besoin causal avant même d'avoir fait la moindre tentative por dégager ses caractères essentiels» (*In*, Pire, F. *De l'imagination poétique dans l'œuvre de Gaston Bachelard*, Paris, Librairie José Corti, 1967, p. 152).

⁷³ *L'Air et les songes. Essai sur l'imagination de le mouvement*, Paris, Librairie José Corti, 1943, p. 167.

